

Lori Nelson Spielman

Doce Perdão

Tradução

Cecília Camargo Bartalotti

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA

1



D urou cento e sessenta e três dias. Anos depois, folheei meu diário e contei. E agora ela escreveu um livro. Inacreditável. A mulher é uma estrela em ascensão. Uma especialista em perdão, que ironia. Examino sua foto. Ela ainda é bonita, com um corte de cabelo curto e aquele narizinho. Mas o sorriso parece sincero agora, os olhos não são mais sarcásticos. Mesmo assim, apenas sua imagem já faz meu coração se acelerar.

Jogo o jornal sobre a mesinha de centro e o pego de volta no mesmo instante.

ASSUMA SUA CULPA

Brian Moss | *The Times-Picayune*

NEW ORLEANS — Será que um pedido de desculpas pode curar velhas feridas, ou é melhor continuar guardando alguns segredos?

De acordo com Fiona Knowles, uma advogada de 34 anos de Royal Oak, Michigan, reparar erros passados é um passo crucial para alcançar a paz interior.

“É preciso ter coragem para assumir uma culpa”, afirmou Knowles. “A maioria não se sente bem demonstrando vulnerabilidade. Em vez disso, escondemos nossa culpa bem no fundo, esperando que ninguém jamais a encontre. Mas soltar nossa vergonha nos liberta.”

E Knowles deve saber do que fala. Ela testou a própria teoria na primavera de 2013, quando escreveu 35 cartas com pedidos de desculpas. Em cada

uma delas, enviou uma bolsinha contendo duas pedras, que receberam o nome de Pedras do Perdão. Ao destinatário, foram feitos dois pedidos simples: perdoar e pedir perdão.

“Eu me dei conta de que as pessoas estavam desesperadas por uma desculpa — uma obrigação — para se redimir”, Knowles disse. “Como as sementes de um dente-de-leão, as Pedras do Perdão seguiram ao vento e migraram.”

Tenha sido resultado do vento ou do habilidoso uso das redes sociais por Knowles, é indiscutível que as Pedras do Perdão alcançaram a meta. Até o momento, calcula-se que cerca de 400 mil estejam em circulação.

Fiona Knowles estará na Octavia Books na quinta-feira, 24 de abril, para falar de seu novo livro, apropriadamente intitulado *As pedras do perdão*.

Dou um pulo quando meu celular toca para me avisar que são quatro e quarenta e cinco — hora de ir para o trabalho. Minhas mãos tremem enquanto enfio o jornal na bolsa. Pego as chaves e a caneca e saio de casa.



Três horas mais tarde, depois de examinar os números horrorosos do índice de audiência da semana passada e ser instruída sobre o tema empolgante do dia — como aplicar autobronzeador corretamente —, eu me sento em minha sala/camarim, com bobes no cabelo e uma capa plástica cobrindo o vestido do dia. É a parte de que menos gosto. Depois de dez anos na frente das câmeras, era de esperar que eu estivesse acostumada. Mas, para a maquiagem, preciso chegar de cara lavada, o que, para mim, é como experimentar um maiô sob luzes fluorescentes, diante de um espectador. Antes, eu pedia desculpas a Jade por ter de testemunhar os buracos, também conhecidos como poros, em meu nariz, ou os círculos sob os olhos que me fazem parecer um jogador de futebol americano pronto para entrar em campo. Uma vez, tentei arrancar a base das garras dela, querendo poupá-la da aterrorizante e impossível tarefa de camuflar uma espinha do tamanho do Mauna Loa em meu queixo. Como dizia meu pai, se Deus quisesse que o rosto de uma mulher ficasse nu, ele não teria criado o rímel.

Enquanto Jade faz sua mágica, examino uma pilha de correspondências e congelo quando a vejo. Sinto um frio no estômago. Está enfiada no

meio do monte, apenas o canto superior direito é visível. Aquilo me tortura, aquele grande e redondo carimbo postal de Chicago. *Por favor, Jack, já chega!* Faz mais de um ano que ele entrou em contato comigo pela última vez. Quantas vezes terei que lhe dizer que está tudo bem, que ele está perdoado, que já superei? Deixo a pilha no balcão à minha frente, arrumo as cartas para que o carimbo não fique mais visível e abro meu notebook.

— “Querida Hannah” — leio o e-mail em voz alta, tentando afastar os pensamentos de Jack Rousseau. — “Meu marido e eu vemos seu programa todas as manhãs. Ele a acha maravilhosa, diz que você é a próxima Katie Couric.”

— Olhe para cima, srta. Couric — ordena Jade, esfumando meus cílios inferiores com um lápis de olho.

— Ahã, a Katie Couric sem o milhão de dólares e o zilhão de fãs. — E as filhas lindas e o novo marido perfeito...

— Você vai chegar lá — diz Jade, com tanta certeza que eu quase acredito. Ela está especialmente bonita hoje, os dreadlocks presos em um rabo de cavalo volumoso e firme, que lhe acentua os olhos escuros e a pele marrom sem marcas. Está usando a legging de sempre e o avental preto com os bolsos cheios de pincéis e lápis de várias espessuras e ângulos.

Ela espalha o delineador com um pincel chanfrado, e eu retomo a leitura.

— “Na verdade, acho que Katie é supervalorizada. Minha favorita é Hoda Kotb. Essa mulher sim é engraçada.”

— Ai! — comenta Jade. — Esse foi um tapa na cara.

Dou risada e continuo lendo.

— “Meu marido diz que você é divorciada. Eu acho que você nunca foi casada. Quem está certo?”

Posiciono os dedos sobre o teclado.

— Cara sra. Nixon — digo enquanto digito —, muito obrigada por assistir ao *The Hannah Farr Show*. Espero que a senhora e seu marido apreciem a nova temporada. (E a propósito, eu concordo... a Hoda é muito divertida.) Com carinho, Hannah.

— Ei, você não respondeu à pergunta dela. — Lanço um olhar para Jade pelo espelho. Ela meneia a cabeça e pega uma paleta de sombras. — Mas é claro que não.

— Eu fui gentil.

— Você sempre é. Gentil demais, se quer minha opinião.

— Ah, claro. Tipo quando reclamo daquele chef arrogante do programa da semana passada, Mason-sei-lá-o-quê, que respondeu a todas as perguntas com uma única palavra? Gentil quando fico obcecada pelos níveis de audiência? E agora, ah, meu Deus, agora ainda tem a Claudia. — Eu me viro para olhar para ela. — Eu contei que o Stuart está pensando em colocá-la como coapresentadora do programa, ao meu lado? Vai ser o fim!

— Feche os olhos — ela pede, e espalha sombra em minhas pálpebras.

— A mulher está na cidade há seis semanas e já é mais popular que eu.

— Sem chance — diz Jade. — Esta cidade adotou você. Mas isso não vai impedir Claudia Campbell de tentar tomar seu lugar. Sinto uma vibração ruim naquela lá.

— Eu não sinto isso — respondo. — Ela é de fato ambiciosa, mas parece ser legal. É com o Stuart que estou preocupada. Para ele tudo tem a ver com a audiência, e a minha, nos últimos tempos, anda...

— Uma merda. Eu sei. Mas vão subir de novo. Estou dizendo, você precisa tomar cuidado. A dona Claudia está acostumada a ficar por cima. De jeito nenhum que a estrela em ascensão da WNBC New York vai se contentar com um lugarzinho menor, como âncora da manhã.

Há uma hierarquia no jornalismo televisivo. A maioria começa a carreira fazendo tomadas ao vivo para o jornal das cinco da manhã, o que significa acordar às três da madrugada para uma audiência de dois pontos. Depois de apenas nove meses neste horário cruel, tive a sorte de evoluir para âncora de fim de semana e, logo em seguida, para o noticiário do meio-dia, no qual fiquei por quatro anos. Claro que ser âncora do noticiário da noite é o grande prêmio, e eu estava no canal WNO na hora certa. Robert Jacobs se aposentou, ou, segundo os rumores, foi forçado a se aposentar, e Priscille me ofereceu o posto. Os níveis de audiência dispararam. Logo, eu estava ocupada dia e noite, sendo anfitriã de eventos de caridade pela cidade inteira e mestre de cerimônias de arrecadação de fundos e no Mardi Gras. Para minha surpresa, eu me tornei uma celebridade local, algo que ainda não consigo entender direito. E minha rápida ascensão não parou com a posição de âncora do jornal noturno. Porque New Orleans “seapai-

xonou por Hannah Farr”, ou pelo menos foi o que me disseram dois anos atrás, quando me ofereceram meu próprio programa, uma oportunidade pela qual a maioria dos jornalistas seria capaz de matar.

— Odeio dizer isso, lindinha, mas *The Hannah Farr Show* não é exatamente da primeira divisão.

Jade dá de ombros.

— É o melhor programa de TV na Louisiana, se quer saber minha opinião. A Claudia está lambendo os beiços, vai por mim. Se for para ela ficar aqui, só há um único trabalho que ela vai achar suficientemente bom, e é o seu. — O telefone de Jade toca e ela dá uma olhada no visor. — Você se importa se eu atender?

— Fique à vontade — digo, grata pela interrupção. Não quero falar de Claudia, a loira impressionante que, aos vinte e quatro anos, é uma década inteira, e crucial, mais nova que eu. Por que o noivo dela tinha que morar bem em New Orleans? Aparência, talento, juventude e um noivo! Ela está na minha frente em todas as categorias, incluindo status de relacionamento.

A voz de Jade fica mais alta.

— Você está falando sério? — ela diz ao telefone. — O papai tem uma consulta no West Jefferson Medical. Eu te lembrei disso ontem.

Meu estômago revira. É o seu futuro ex, Marcus, o pai de seu filho de doze anos. Ou Babacão-Mor, como ela o chama agora.

Fecho o computador e pego a pilha de cartas no balcão, na tentativa de dar a Jade a ilusão de privacidade. Passo o dedo pelos envelopes, procurando o carimbo de Chicago. Vou ler o pedido de desculpas de Jack e depois escrever uma resposta, lembrando que estou feliz agora e que ele precisa seguir em frente com a vida. Só a ideia já me deixa cansada.

Encontro o envelope e o puxo do meio da pilha. Em vez do endereço de Jackson Rousseau no canto superior esquerdo, está escrito WCHI News.

Então não é de Jack. Que alívio.

Cara Hannah,

Foi um prazer conhecê-la no mês passado em Dallas. Sua apresentação na conferência da NAB foi cativante e inspiradora.

Como lhe falei na ocasião, a WCHI está criando um novo programa de entrevistas matinal, o *Good Morning, Chicago*. O público-alvo, como o do *The Hannah Farr Show*, são as mulheres. Além dos ocasionais segmentos divertidos e frívolos, o programa vai tratar de alguns assuntos mais sérios, como política, literatura, artes e questões internacionais.

Estamos procurando uma apresentadora e gostaríamos muito de discutir a possibilidade com você. Estaria interessada? Além do processo de entrevista e de uma demo, pedimos que nos envie uma proposta para um programa original.

Atenciosamente,

James Peters

Vice-presidente sênior

WCHI Chicago

Uau. Então ele estava falando sério quando me chamou de lado na Conferência da Associação Nacional de Emissoras de Rádio e Televisão. Ele tinha visto meu programa. Sabia que minha audiência estava baixa, mas disse que eu tinha um grande potencial se me dessem a oportunidade certa. Talvez fosse essa a oportunidade a que ele se referia. E que animador saber que a WCHI quer ouvir minhas ideias para um roteiro. Stuart raramente leva em conta minhas opiniões. “Há quatro assuntos que as pessoas querem ver na tevê de manhã”, ele afirma. “Celebidades, sexo, perda de peso e beleza.” O que eu não daria para apresentar um programa com algo controverso...

Minha cabeça fica cheia por dois segundos. E então volto à realidade. Não quero um emprego em Chicago, uma cidade a mil e quinhentos quilômetros de distância. Estou muito envolvida com New Orleans. Adoro esse lugar dicotômico, o misto de gentileza e determinação, o jazz, sanduíches po-boy e gumbo de lagostim. E, mais importante, estou apaixonada pelo prefeito da cidade. Mesmo que eu quisesse me candidatar, o que não quero fazer, Michael jamais aceitaria. Ele é a terceira geração da família na cidade e está criando a quarta: sua filha, Abby. Ainda assim, é bom se sentir admirada.

Jade desliga o telefone com raiva e a veia da testa dilatada.

— Aquele imbecil! Meu pai não pode perder essa consulta. O Marcus insistiu em levá-lo. Ele anda tentando me agradar outra vez. “Sem problema”, ele falou na semana passada. “Eu passo por lá no caminho para a delegacia.” Eu sabia. — No reflexo do espelho, seus olhos escuros faíscam. Ela se vira e aperta números no telefone. — Quem sabe a Natalie pode dar uma escapada do trabalho.

A irmã de Jade é diretora em um colégio de ensino médio. Ela não pode sair de jeito nenhum.

— A que horas é a consulta?— pergunto.

— Às nove. O Marcus diz que está preso. É, eu sei bem. Preso na cama da puta dele, fazendo o exercício matinal.

Dou uma olhada no relógio: 8h20.

— Vai — digo. — Os médicos nunca atendem no horário. Se você correr, ainda pode dar tempo.

Ela faz uma careta para mim.

— Não posso sair. Não terminei sua maquiagem.

Salto da cadeira.

— Como é? Você acha que eu esqueci como se faz uma maquiagem?

— Faça um gesto com a mão para ela ir embora. — Vai. Rápido.

— E o Stuart? Se ele descobrir...

— Não se preocupe. Eu dou cobertura. Só volte a tempo de aprontar a Sheri para o noticiário da noite, ou nós duas vamos nos dar muito mal. — Volto o corpo miúdo de Jade em direção à porta. — Vai logo.

Ela olha para o relógio na parede e fica parada em silêncio, mordendo o lábio. De repente, me dou conta: Jade veio de bonde para o trabalho. Pego minha bolsa no armário e procuro a chave.

— Vai com o meu carro — digo, estendendo a chave para ela.

— O quê? Não, eu não posso fazer isso! E se eu...

— É só um carro, Jade. Ele é substituível. — *Ao contrário do seu pai*, mas não digo isso. Ponho a chave na mão dela. — Agora saia antes que o Stuart apareça e veja que você escapou.

O rosto dela se enche de alívio e ela me dá um abraço.

— Muito obrigada. E não se preocupe, vou tomar muito cuidado com seu carro. — Ela segue até a porta. — Fique esperta. — É a frase de despe-

dida favorita de Jade. Ela já está a meio caminho do elevador quando a ouço gritar: — Te devo uma, Hannabelle.

— E não pense que vou me esquecer disso. Dê um abraço no seu pai por mim.

Fecho a porta, sozinha em meu camarim, com trinta minutos de sobra até a chamada. Encontro uma caixinha de pó e o espalho pela testa e nariz.

Solto as tiras da capa plástica, pego a carta e releio as palavras do sr. Peters enquanto contorno o sofá e vou até minha mesa. Não há dúvida de que é uma oportunidade fantástica, especialmente em vista da minha atual crise de popularidade aqui. Eu mudaria do quinquagésimo terceiro para o terceiro maior mercado televisivo do país. Em poucos anos, seria uma concorrente de programas de transmissão nacional como GMA, ou *Today*. Claro que meu salário quadruplicaria.

Sento atrás da mesa. Obviamente, o sr. Peters vê a mesma Hannah Farr que todos veem: uma profissional alegre e sem raízes, que faria as malas e se mudaria para o outro lado do país de bom grado, por um salário melhor e um trabalho mais importante.

Meu olhar recai sobre uma foto minha com meu pai, tirada no Prêmio da Associação de Críticos em 2012. Mordo a boca por dentro enquanto lembro aquele evento chique. Os olhos vidrados e o nariz úmido de meu pai me deixam claro que ele já havia bebido bastante. Estou com um vestido de festa prateado e um enorme sorriso. Mas meu olhar parece distante e vazio, do mesmo jeito que eu me sentia naquela noite, sentada sozinha com meu pai. Não porque havia perdido o prêmio. Era por me *sentir* perdida. Cônjuges e filhos e pais que não estavam bêbados cercavam os outros indicados. Eles riam e festejavam e, mais tarde, dançaram juntos em grandes círculos. Eu queria o que eles tinham.

Levanto outra foto, nesta estamos Michael e eu, velejando no lago Pontchartrain no verão passado. Os cabelos loiros de Abby são visíveis na borda do retrato. Ela está sentada na proa, à direita, de costas para mim.

Coloco a foto de volta sobre a mesa. Em alguns anos, espero ter uma fotografia diferente ali, mostrando Michael e eu em pé diante de uma casa bonita, junto com uma Abby sorridente e, quem sabe, até um filho nosso também.

Enfio a carta do sr. Peters em uma pasta particular nomeada “Interesses”, onde já guardei mais ou menos uma dúzia de cartas semelhantes recebidas ao longo dos anos. Esta noite enviarei a habitual nota de obrigadamas-não-obrigada. Michael não precisa saber — por mais clichê e terrivelmente antiquado que isso possa parecer, um emprego de destaque em Chicago não é nada comparado a ser parte de uma família.

Mas quando terei essa família? No começo, Michael e eu parecíamos estar em completa sintonia. Em questão de semanas, já falávamos do futuro. Passávamos horas compartilhando sonhos. Sugeríamos nomes para nossos filhos — Zachary, ou Emma, ou Liam —, especulávamos sobre como eles seriam e se Abby preferiria um irmão ou irmã. Procurávamos casas na internet e enviávamos os links um para o outro, com observações como “Bonita, mas o Zachary vai precisar de um jardim maior”, ou “Imagine o que poderíamos fazer em um quarto desse tamanho”. Isso tudo parece ter acontecido séculos atrás. Agora, os sonhos de Michael estão voltados para sua carreira política, e qualquer conversa sobre nosso futuro foi adiada para “quando Abby se formar”.

Um pensamento me ocorre: Será que a perspectiva de me perder poderia desencadear o compromisso que venho esperando de Michael?

Tiro a carta do arquivo, com a ideia ganhando impulso. É mais que uma oportunidade de emprego. É uma oportunidade de acelerar as coisas. Falta só um ano para a formatura de Abby. É hora de começarmos a fazer planos. Pego meu celular, me sentindo mais leve do que jamais me senti em semanas.

Busco o número dele, imaginando se vou ter sorte de pegá-lo em um raro momento de solidão. Ele vai ficar impressionado por eu estar sendo sondada para um trabalho, especialmente em um mercado grande como Chicago. Vai dizer que está orgulhoso de mim, depois vai me fazer lembrar de todas as maravilhosas razões pelas quais não posso ir, sendo ele a mais importante. E, mais tarde, quando tiver chance de refletir, vai perceber que é melhor selar o acordo antes que eu seja arrancada de suas mãos. Sorrio, alegre com a ideia de ser solicitada tanto profissional como pessoalmente.

— Prefeito Payne. — Sua voz já está pesada, e o dia dele mal começou.

— Feliz quarta-feira — digo, esperando que o lembrete de nosso encontro noturno possa alegrá-lo. Em dezembro, Abby começou a trabalhar como babá às quartas-feiras à noite, aliviando Michael de suas obrigações de pai e nos dando uma noite da semana para passarmos juntos.

— Oi, querida. — Ele suspira. — Que dia louco. Está tendo um fórum comunitário no colégio Warren Easton. Um brainstorming sobre prevenção a violência nas escolas. Estou indo para lá agora. Espero estar de volta até o meio-dia para a reunião. Você vem, certo?

Ele está falando da reunião da iniciativa Caminho para a Luz, voltada para a conscientização sobre abuso sexual infantil. Apoio os cotovelos na mesa.

— Eu avisei à Marisa que não vou estar presente dessa vez. Meio-dia não vai dar tempo. Sinto muito por isso.

— Não se preocupe. Você tem feito muito por eles. Só vou dar uma passada rápida. Tenho reuniões a tarde inteira para discutir o aumento da pobreza. Imagino que vá além da hora do jantar. Você se importa se cancelarmos esta noite?

Aumento da pobreza? Não posso argumentar contra isso, mesmo sendo quarta-feira. Se quero ser a esposa do prefeito, tenho que aprender a aceitar que ele é um homem a serviço da comunidade. Afinal, essa é uma das coisas que mais amo nele.

— Não. Sem problemas. Mas você parece exausto. Tente dormir direito esta noite.

— Vou tentar. — Ele baixa o tom de voz. — Mas preferia fazer outra coisa em vez de dormir.

Sorrio, me imaginando nos braços de Michael.

— Eu também.

Será que devo lhe contar sobre a carta de James Peters? Ele já tem muito com que se preocupar sem que eu acrescente uma ameaça.

— Vou desligar — ele diz. — Ou você estava precisando de alguma coisa?

Sim, desejo dizer a ele, preciso de uma coisa. Preciso saber que você vai sentir minha falta esta noite, que sou sua prioridade. Preciso da segurança de estarmos caminhando para um futuro juntos, de que você quer se casar comigo. Respiro fundo.

— Só queria lhe dar um aviso. Tem alguém atrás da sua namorada — digo em um tom leve e meloso. — Recebi uma carta de amor pelo correio hoje.

— Quem é meu concorrente? — ele pergunta. — Vou matar esse cara, juro.

Eu dou risada e explico a carta de James Peters e a perspectiva de trabalho, esperando transmitir entusiasmo suficiente para fazer tocar um sininho de alerta em Michael.

— Não é exatamente uma oferta de trabalho, mas parece que eles estão interessados em mim. Querem uma proposta para um roteiro original. É legal, não é?

— É muito legal. Parabéns, superstar! Isso serve para eu não esquecer que você está em outro nível.

Meu coração se agita de leve.

— Obrigada. É bom mesmo. — Fecho os olhos com força e vou em frente, antes de perder a coragem. — O programa vai começar no outono. Eles precisam decidir depressa.

— São só seis meses. É melhor você se apressar. Você agendou a entrevista?

O ar some do meu peito. Ponho a mão na garganta e me forço a respirar. Ainda bem que Michael não pode me ver.

— Eu... não. Eu... ainda não respondi.

— Se conseguirmos nos programar, a Abby e eu iremos com você. Podemos pensar nisso como uma miniviagem de férias. Faz anos que não vou a Chicago.

Diga alguma coisa! Diga que você está decepcionada, que estava esperando que ele pedisse para você ficar. Lembre que seu ex-noivo mora em Chicago, pelo amor de Deus!

— Então você não se importa se eu for embora?

— Bom, eu não gostaria. Relacionamento a distância pode ser horrível. Mas a gente consegue fazer dar certo, você não acha?

— Claro — digo. Mas por dentro estou pensando em nossos horários atuais, e que, mesmo morando na mesma cidade, não conseguimos arrumar tempo para ficar sozinhos.

— Escuta — ele continua —, tenho que correr. Ligo para você mais tarde. E parabéns, meu amor. Estou orgulhoso de você.



Desligo o telefone e desabo na cadeira. Michael não se importa se eu for embora. Sou uma idiota. Casar não está mais nos planos dele. E agora ele não me deixou escolha. Tenho que enviar meu currículo e a proposta para um episódio ao sr. Peters. Do contrário, vai parecer que eu estava querendo manipulá-lo, o que, imagino, eu estava mesmo.

Meus olhos pousam no *Times-Picayune*, espiando de dentro de minha bolsa. Levanto o jornal e franzo o nariz para a manchete. “ASSUMA SUA CULPA.” Ah, então está bem. Envie uma Pedra do Perdão e tudo será perdoado. Você delira, Fiona Knowles.

Massageio a testa. Eu poderia sabotar a oferta, escrever uma proposta ridícula e dizer a Michael que não consegui a entrevista. Não. Sou orgulhosa demais para fazer uma coisa dessas. Se Michael quer que eu tente conseguir o trabalho, que assim seja, é o que vou fazer! E não vou apenas tentar, vou aceitar a oferta. Vou me mudar daqui e começar de novo. O programa vai fazer um enorme sucesso e eu serei a próxima Oprah Winfrey de Chicago! Vou conhecer uma pessoa nova, que goste de crianças e esteja pronta para assumir um compromisso. O que acha disso, Michael Payne?

Mas primeiro preciso escrever a proposta.

Caminho pela sala, tentando pensar em uma ideia para um roteiro arrasador, algo instigante, inovador e atual. Algo que me faça conseguir o trabalho e impressione Michael... e talvez até o faça rever seus planos.

Meus olhos se voltam para o jornal. Lentamente, vou deixando de torcer o nariz para ele. Sim. Talvez possa dar certo. Mas será que eu conseguiria?

Tiro o papel da bolsa e recorto com cuidado o artigo sobre Fiona. Vou até a gaveta da escrivaninha e respiro fundo. *O que estou fazendo?* Fico olhando para a gaveta fechada como se fosse uma caixa de Pandora. Por fim, eu a abro com um movimento decidido.

Remexo em meio a canetas, cliques e post-its até que a avisto. Está enfiada lá no fundo, no mesmo lugar onde a escondi dois anos atrás.

Uma carta de desculpas de Fiona Knowles. E um saquinho de veludo contendo um par de Pedras do Perdão.